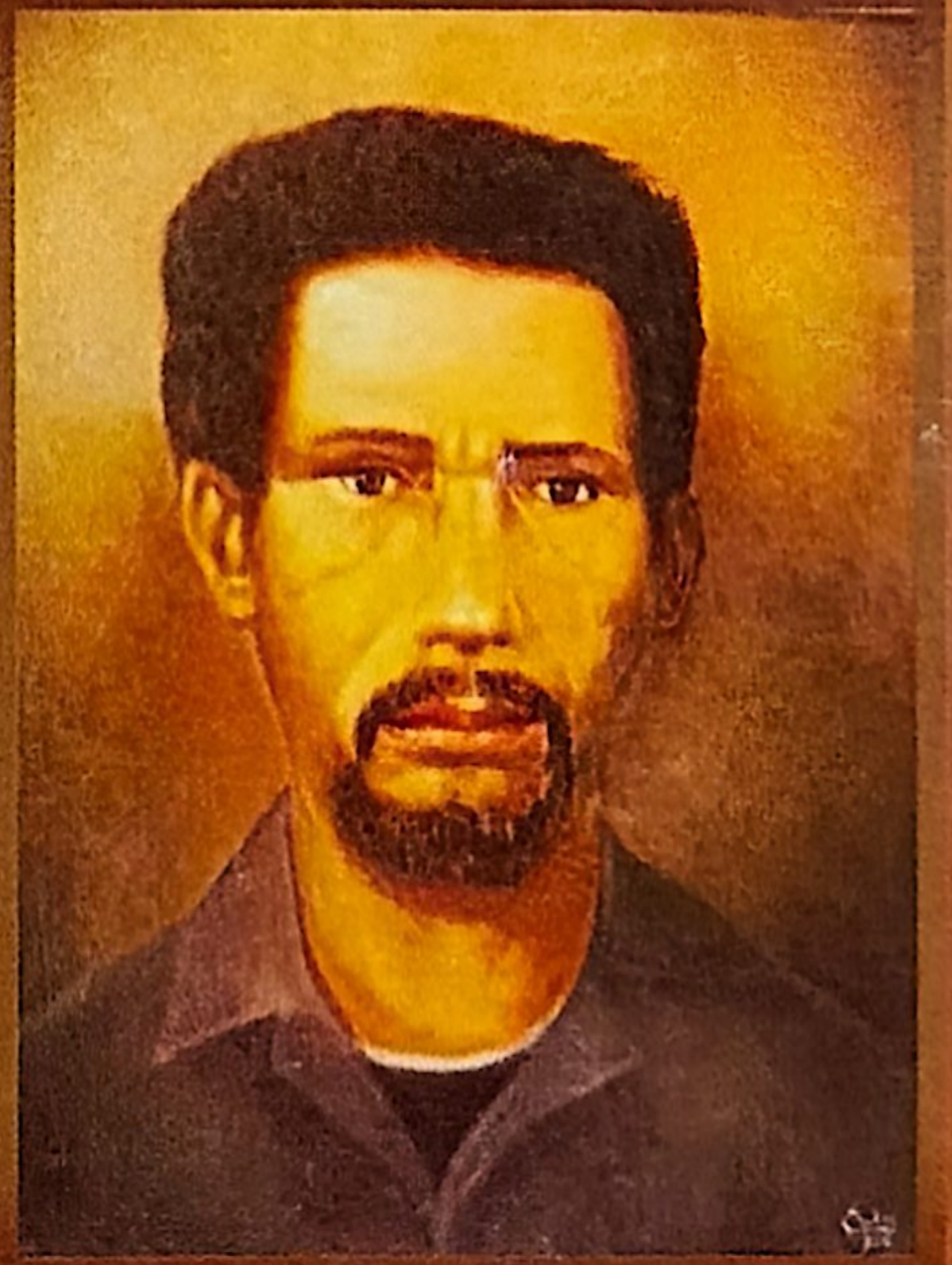
Elogio aos Revolucionários



Amaro Luiz de Carvalho
Manoel Aleixo
Emmanuel Bezerra
Manoel Lisboa de Moura
Amaro Félix

EDIÇÕES MANOEL LISBOA

Elogio aos Revolucionários

Amaro Luiz de Carvalho
Manoel Aleixo
Emmanuel Bezerra
Manoel Lisboa de Moura
Amaro Félix

Edições Manoel Lisboa

Capa: Quadros de Eliane Brandão

CCML - Centro Cltural Manoel Lisboa
Rua Carneiro Vilela, 138. Espinheiro.
Recife – PE . Brasil
Telefones: 55 _ _ (81) 3244.0552/ 3427.9367

Apresentação

Realizado sob o pretexto de garantir a democracia, o Golpe Militar de 1964 impôs a mais ferrenha ditadura da burguesia sobre os trabalhadores e o povo brasileiro.

Comunistas foram presos; entidades estudantis fechadas e universidades invadidas pela polícia; sindicatos sofreram intervenção, lideranças sindicais foram detidas e greves proibidas. A imprensa foi amordaçada, dezenas de jornalistas colocados na cadeia e as redações invadidas por policiais para censurar artigos e mesmo edições inteiras; canções e peças teatrais eram censuradas todos os dias e atores e cantores perseguidos. Deputados tiveram seus mandatos cassados, e o Congresso Nacional foi fechado. Decretos e leis – como o AI-5 e o 477 – eliminaram as poucas liberdades ainda existentes e colocaram o país debaixo de um regime de terror que nada ficava a dever ao regime nazista de Hitler.

Porém, a face mais bárbara deste regime militar fascista foi reservada aos comunistas, aos homens e mulheres que lutaram heroicamente contra a ditadura e por uma revolução socialista. Praticamente todos os revolucionários presos foram barbaramente torturados. Após pontapés, socos e agressões, esses militantes eram pendurados no pau-de-arara (cavalete em que se fica preso por uma barra que passa na dobra do joelho, com pés e mãos amarrados juntos) e submetidos a choques elétricos. Vários tiveram seus corpos queimados com cigarros e velas e os mamilos arrancados com alicates. Outros eram obrigados a tomar banhos de ácido e antes de morrerem tiveram testículos amassados, arames introduzidos pela uretra, cabos de vassouras enfiados no ânus, dentes arrancados, olhos vazados com pancadas. As mulheres presas eram, em sua maioria, estupradas e depois brutalmente torturadas.

Estas eram algumas das barbaridades sofridas pelos comunistas e praticadas pelas bestas assassinas da ditadura militar, que defendiam um regime cujo principal objetivo era fazer crescer os lucros da grande burguesia, aprofundar a dominação do grande capital estrangeiro e a exploração capitalista sobre os trabalhadores.

Mas, mesmo diante dessas brutais torturas, muitos revolucionários nada falaram aos seus carrascos. Recusaram-se a colaborar com os

fascistas e seu regime e morreram reafirmando seu compromisso com a causa da revolução e com os seus companheiros.

Foram os casos de Manoel Lisboa, Amaro Luiz Carvalho, Emmanuel Bezerra, Manoel Aleixo e Amaro Félix, que se uniram no Partido Comunista Revolucionário (PCR) para enfrentar a ditadura e lutar pela liberdade e pelo socialismo.

Para homenagear esses cinco heróis, reunimos neste pequeno livro artigos publicados no jornal **A Verdade** sobre as vidas desses bravos comunistas revolucionários, exemplos para todos aqueles que seguem lutando pela revolução socialista em nosso país.

Maio de 2009

Lula Falcão
(Membro do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário)

Aos comunistas revolucionários covardemente assassinados pela ditadura militar fascista

Elogio ao Revolucionário

Bertold Brecht

Quando a opressão aumenta
Muitos se desencorajam
Mas a coragem dele cresce.
Ele organiza a luta
Pelo tostão do salário, pela água do chá
E pelo poder no Estado.
Pergunta à propriedade:
Donde vens tu?
Pergunta às opiniões:
A quem aproveitais?

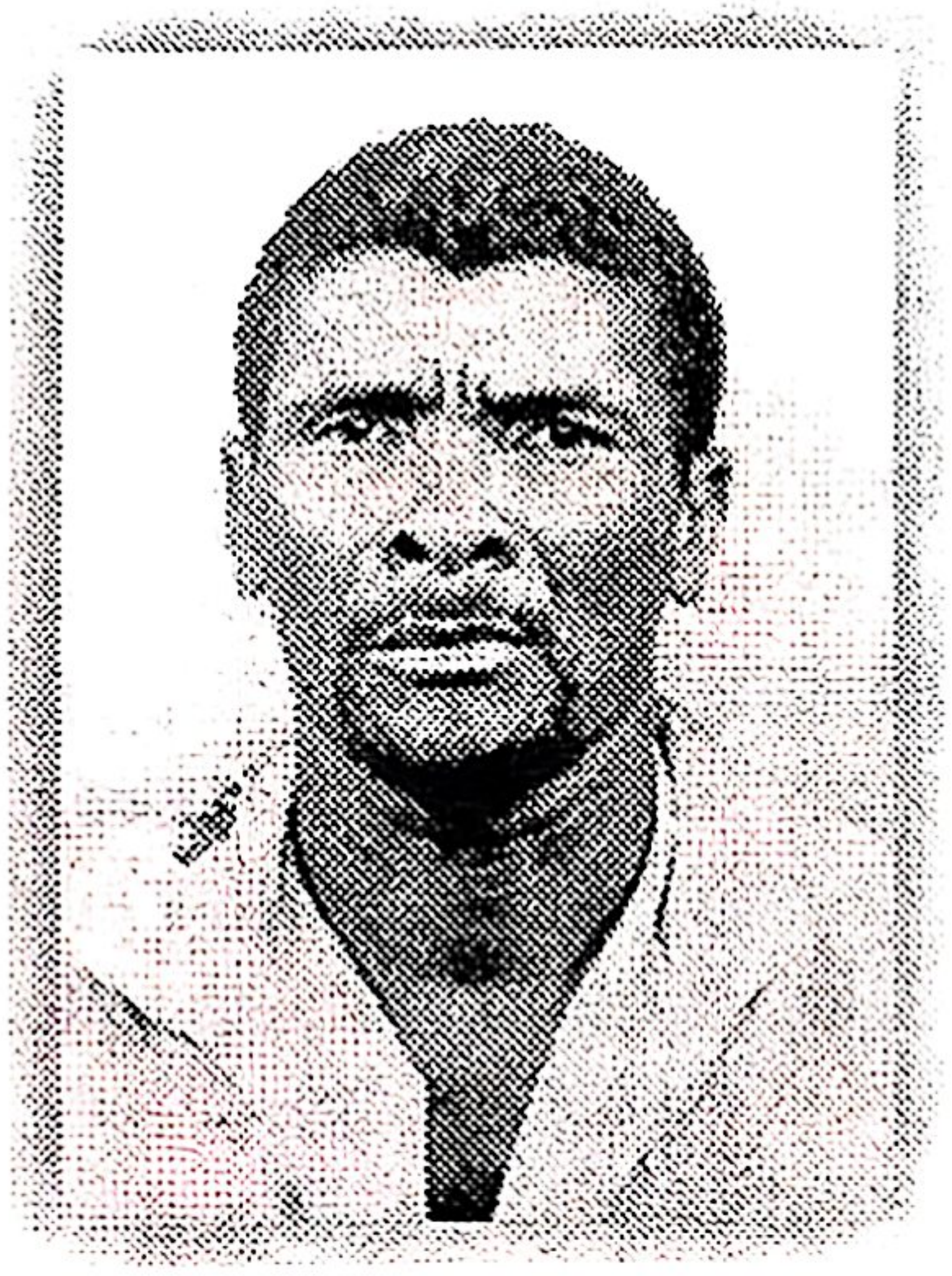
Onde quer que todos calem
Ali falará ele
E onde reina a opressão e se fala do Destino
Ele nomeará os nomes.

Onde se senta à mesa
Senta-se a insatisfação à mesa
A comida estraga-se
E reconhece-se que o quarto é acanhado.

Pra onde quer que o expulsem, para lá
Vai a revolta, e donde é escorraçado
Fica ainda lá o desassossego.

Manoel Aleixo da Silva (Ventania)

Edival Cajá



Manoel Aleixo nasceu no dia 04 de junho de 1931, no engenho Cova da Onça, em São Lourenço da Mata (PE), cidade cercada por canaviais e grandes usinas, como São José e Tiúma (desativada). Seus pais, João Aleixo da Silva e Maria Sabino da Silva, eram negros e foram alcançados pela escravidão quando meninos.

Nosso herói, ainda criança, foi também levado ao duro trabalho de tirar *contas* no eito, de sol a sol, e de domingo a domingo, nos períodos da moagem, para ter direito a comida e ao tosco vestuário em tudo semelhante ao dos escravos da senzala. Ele não teve tempo nem o direito de freqüentar a escola, que, nos anos 30, era privilégio de poucos. Mas cresceu ouvindo atentamente as histórias dos homens valentes desta terra que muito o emocionavam, principalmente a história do Quilombo dos Palmares, que ergueu uma república de homens livres com território determinado, por quase um século.

Em 1955, já com 24 anos, acompanhou com interesse o ressurgimento das Ligas Camponesas no Engenho Galiléia, no Município de Vitória de Santo Antão, sob a liderança de Zezé da Galiléia. Manoel Aleixo entusiasmou-se com aquela enorme passeata de camponeses pobres e assalariados agrícolas, que teve a participação de Francisco Julião e Clodomir Morais, da Assembléia Legislativa ao Palácio do Governo, no Recife, na qual arrancaram o decreto de desapropriação do Engenho Galiléia. Daí em diante, passou a lutar pela organização de novas Ligas em outros municípios, até ver explodirem Ligas Camponesas por todo o Nordeste, Centro e Sul do país. Conheceu praticamente todos os engenhos de Pernambuco e Alagoas.

"Reforma agrária na lei ou na marra" e "Terra para quem nela trabalha" eram as palavras de ordem que lhe causavam maior emoção.

Do outro lado, recrudesciam a repressão, as milícias privadas e o uso da polícia militar pelos senhores de engenho e usineiros para fazer despejos, sacrificar animais domésticos, arrancar as lavouras de subsistência e assassinar líderes camponeses. Latifundiários e usineiros como Agnaldo Veloso Borges (Itambé), Júlio Maranhão (Usina Caxangá) e José Lopes de Siqueira (Usina Estreliana) tinham prazer em amarrar trabalhadores rebelados no tronco e lambuzá-los de mel e sal para serem lambidos por seus bois mansos até ficarem em carne viva.

Foi a partir daí que Manoel Aleixo descobriu que somente pertencer às ligas e politizar o coco-de-roda e suas emboladas de denúncias e esperança não era suficiente.

No final de agosto de 1963, os sindicatos e as ligas de São Lourenço, Moreno e Jaboatão, sob a sua influência e a de Amaro Luiz de Carvalho (Palmeira, Capivara), sentindo que a confrontação se aproximava, convocaram, de forma unitária, grandes assembléias para responder à onda de assassinatos como os de João Pedro Teixeira, das Ligas da Paraíba, e Geremias, ativista comunista de Itambé (PE), e prisões como a de Júlio Santana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Formoso (PE). As assembléias aprovaram por unanimidade as seguintes deliberações: a cada militante morto, um ajuste de contas com o assassino ou seus mandantes e "agora será olho por olho, dente por dente". Vibrante agitação tomou conta daquela massa que "parecia uma densa floresta humana".

Golpe, repressão e luta clandestina

Em 1° de abril de 1964, os usineiros, latifundiários, a alta burguesia e seus mandos militares fascistas se consorciaram com os monopólios imperialistas dos Estados Unidos para acabar com aqueles que ameaçavam seus imensos lucros, eliminar as lideranças revolucionárias e a organização crescente dos operários, especialmente dos 400 mil assalariados agrícolas da Zona Canavieira de Pernambuco. Como num pesadelo, milhares de operários das usinas e camponeses pobres dos engenhos do estado amanheceram nas delegacias e quartéis transformados em presídios.

Para não ser capturado e morto, Manoel Aleixo, ligeiro como um vento forte, já com 34 anos, separa-se da família, dos amigos, de tudo, e passa a viver nos mais distantes engenhos. Aos poucos, vai recomeçar tudo de novo, com 10, 20 trabalhadores, politizando o conteúdo das letras do coco-de-roda, de emboladas nos terreiros e alpendres das casas mais afastadas das usinas, sempre nos domingos, feriados e noites de lua.

Apesar da resistência clandestina da Comissão Política das Ligas, os assassinatos, as prisões das lideranças e o exílio de Francisco Julião, Clodomir Moraes e Djaci Magalhães levaram o movimento a mergulhar no descenso.

O encontro com o PCR

Logo no início de 1967, um ano após a fundação do Partido Comunista Revolucionário (PCR), Manoel Aleixo reencontra, ocasionalmente, na cidade de Barreiros (PE), o mais procurado e mais experiente agitador e organizador comunista de toda a zona canavieira – Amaro Luiz de Carvalho –, que já havia integrado a Comissão do Trabalho Militar das Ligas Camponesas e feito cursos

de formação política e militar em Cuba e na China. Amaro, tomado de incontida alegria, retoma a conversação com Aleixo, interrompida pelo Golpe Militar de 1964. Passam em revista os nomes dos companheiros desaparecidos, assassinados, presos, a desmobilização e dispersão das massas. Amaro, apoiado nos seus estudos e nos documentos do Partido, argumentou que as ligas camponesas e os quilombos foram tão importantes que só têm paralelo na história com os quilombos do Haiti e as ligas camponesas da Alemanha, que sustentaram uma longa guerra contra o pagamento do foro da terra e do dízimo aos senhores feudais e à Igreja. Porém são incapazes de impedir o golpe contra-revolucionário das classes dominantes. Para vencer os golpistas, faltou-nos um partido comunista revolucionário, reconhecido pelas massas, com capacidade de direção política para conduzi-las tanto na ofensiva armada para tomar o poder de Estado dos inimigos de classe, quanto no recuo organizado, quando necessário. Este partido terá de funcionar com a disciplina de um Estado-Maior da nossa classe, um partido guiado pelas idéias e experiências revolucionárias de Marx, Engels, Lênin e Stálin; este partido é o Partido Comunista Revolucionário (PCR), e te convido a militar nele a partir de hoje, conclamou Palmeira. Com brilho nos olhos, Manoel Aleixo, emocionado, respondeu: "Quero ser militante do PCR até a vitória ou a morte. Já tenho uma lista de companheiros para serem recrutados para o Partido".

Preparando militantes de têmpera revolucionária

Nesse ínterim, Manoel já havia se transformado numa respeitável liderança do poderoso Sindicato de Barreiros e tinha influência em Água Preta e Joaquim Nabuco. Aí começa o seu primeiro batismo de fogo. Com o nome de guerra Ventania, Amaro quis expressar a força de vontade e a rapidez com que Manoel se dedicava ao trabalho profissional de construção do Partido, retirando-se, aos poucos, do papel de líder de massas para atuar mais no aparelho clandestino do Partido no campo.

Para lá, iam somente aqueles que mais se destacavam na luta, revelavam características de futuro militante para receber cursos de formação política e ingressar no PCR. Passou a trabalhar em estreito contato com Amaro e Manoel Lisboa, constituindo-se, assim, em pouco tempo, um coletivo dirigente desta frente, onde teve destacado papel de direção juntamente com o companheiro Amaro Félix Pereira (Procópio), ex-líder sindical de Barreiros que comprovou também a sua extrema dedicação e fidelidade ao Partido com um ano de prisão na Casa de Detenção do Recife (1971), para, depois de conseguir sua liberdade, ser seqüestrado.

Como Ventania nada revelou sobre o Partido, torturaram-no até a morte e o enterraram clandestinamente. Só recentemente conseguimos, com o esforço dos

seus filhos, obter o devido reconhecimento da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos do Ministério da Justiça. Izabel Simplício, sua esposa, declarou, ainda, em documento entregue à referida comissão, que “apoiava a luta e que agora espera justiça para que nunca mais aconteça outro final de agosto tão triste como aquele de 1973”.

O Estado acabou por reconhecer seu crime praticado contra Manoel Aleixo (Ventania), mas falta reconhecer as circunstâncias, identificar e punir severamente os responsáveis por tão bárbaro crime.

Manoel é preso e, por nada informar, é torturado e recolhido durante todo o ano de 1970 na Casa de Detenção do Recife. Quando conquistou a liberdade, pouco a pouco, com muito cuidado, retomou suas atividades revolucionárias, clandestinamente, mas com muito mais disposição do que antes, pois sabia que teria de enfrentar grandes dificuldades com a repressão e, especialmente, com o desenvolvimento do seu trabalho – agora sem o Sítio Borboleta e sem a sábia companhia de Palmeira, que continuava preso e torturado, ora no Recife, ora no Dops, em São Paulo.

O frio e covarde assassinato do camarada Amaro Luiz de Carvalho na própria Casa de Detenção do Recife, no dia 22 de agosto de 1971, não o apavorou. Ventania rapidamente procura recompor o trabalho e também a sua vida pessoal, casando-se com a companheira Izabel na cidade de Joaquim Nabuco (PE). E para que todo o seu tempo fosse dedicado ao crescimento do Partido, procurou convencer sua esposa de que “ter filhos só depois de haver justiça no campo”. Certa vez, no fim de uma reunião, um camarada perguntou-lhe o porquê de tanta pressa em tudo que fazia. Em cima da bucha, ele respondeu: “Agora eu tenho de recrutar por dois, por mim e pelo companheiro Capivara, que continua preso”.

Paixão e morte!

O ano de 1973 foi de cerco aos comunistas revolucionários. Seqüestraram Manoel Aleixo e o assassinaram sob as mais selvagens torturas; a lancinante dor foi dilacerando seu corpo e sua alma até morrer, sem que uma só informação fosse dada a seus torturadores. Como provamos esta fé suprema no Partido? Havia um ponto marcado com o companheiro Valmir, da direção do Partido, no interior da igreja da cidade de Ribeirão, no dia 06 de setembro, às 10 horas. A direção do Partido decidiu que a cobertura do ponto fosse feita por mim, e, na hora exata, lá compareci e ele não estava nem tampouco a polícia. A repressão não conseguiu pôr suas mãos sujas no Partido por seu intermédio.

O DOI-Codi do então IV Exército, o torturador Sérgio Paranhos Fleury, diretor do Dops-SP, o torturador Moacir Sales de Araújo, diretor do Dops-PE, o delegado José Oliveira Silvestre e o torturador Luís Miranda, agente da Polícia

Civil, foram os responsáveis diretos por todas as sevícias, pelo assassinato e pela desavergonhada mentira veiculada nos grandes jornais da burguesia no dia 8 de setembro, de que Ventania teria morrido no dia 29 de agosto ao resistir à voz de prisão e travar um tiroteio com agentes da segurança na cidade de Ribeirão.

Desavergonhada mentira porque não houve qualquer tiroteio em Ribeirão no dia 29 de agosto, pois não há qualquer registro no livro de ocorrências da única delegacia da cidade. Mais: se a morte aconteceu no dia 29 de agosto, por que o *Diario de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio* divulgaram a notícia só no dia 08 de setembro, nove dias depois? E por que seu corpo não foi entregue à sua família, a quem de direito cabe realizar o devido sepultamento?

Na verdade, Manoel foi seqüestrado da sua própria casa, em Joaquim Nabuco, na madrugada do dia 29 de agosto, fato testemunhado por Izabel Simplício da Conceição, sua companheira, conduzido numa Veraneio do Exército até a sede do comando do IV Exército, no Parque 13 de Maio, e assassinado provavelmente junto com Manoel Lisboa e Emmanuel Bezerra. Certamente temendo o impacto da divulgação do assassinato de três grandes revolucionários num só dia, 4 de setembro, e também para dificultar o esclarecimento do seu hediondo crime, decidiram divulgar em dois dias diferentes, locais falsos e circunstâncias totalmente mentirosas, apesar de bem urdidas.

Nos braços da História

Agora, 35 anos depois, podemos afirmar com Castro Alves: “Quem cai na luta com glória, tomba nos braços da história e no coração do Brasil!”. Foi com base na sua profunda opção pelo PCR, como instrumento da libertação revolucionária dos explorados e oprimidos, que Manoel Aleixo construiu a sua inquebrantável coerência. Por isso, ele encontrou força e tranqüilidade suficientes para praticar também no cárcere do inimigo, com estoicismo, a sua orientação: não dar nenhuma informação sobre o Partido ao inimigo de classe – e, de fato, para um revolucionário, a traição é pior do que a morte. Coube ao Partido realizar um rigoroso levantamento (cerca de um ano e três meses) de todas as informações, entre 40 companheiros nossos detidos naquelas dependências do Exército) para oficialmente poder informar toda a verdade sobre o comportamento de cada companheiro. Sobre Ventania, assim se expressou a direção do PCR:

“Na sala de torturas, comportou-se como um autêntico herói nascido do povo; diante das torturas mais atrozes, cerrou os dentes, nada falou aos sádicos policiais. Morreu como herói do povo, um combatente do Partido, digno e firme como uma rocha”. (Editorial do jornal *A Luta*, nº 18, dezembro de 1974).

Camarada Manoel Aleixo, você conquistou, com a sua elevada honra comunista, um justo lugar no *pantheon* dos heróis da História e da Dignidade.

(Edival Nunes Cajá é membro do Comitê Central do PCR e presidente do CCML)

Amaro Luiz de Carvalho (Capivara)

Luiz Alves

As palmeiras, plantas típicas do Norte e do Nordeste brasileiro, já foram cantadas em prosa e verso por nomes consagrados da nossa literatura. Ouso louvar, também, uma palmeira que se agiganta sobre todas as que embelezam nossos rincões. Maior e diferente de todas, porque é um ser humano. Afirmo no presente, por concordar com a tese de que os homens imprescindíveis não morrem.

Palmeira, Capivara, Amaro Luiz de Carvalho nasceu no dia 4 de junho de 1931 em Joaquim Nabuco, Zona da Mata pernambucana, trazendo nas veias o sangue de heróis como Zumbi dos Palmares, o anseio de libertação de centenas de gerações de oprimidos.

Desde criança, insatisfeito com as injustiças, não aceitava que um pequeno número de pessoas - os donos das terras, usinas, indústrias, bancos - se enriquecesse à custa do trabalho não pago, a mais-valia, do sofrimento de tantas pessoas.

Da reflexão à ação foi um passo, engajando-se na luta, ingressando aos 15 anos no Partido Comunista, o PCB.

Operário, Capivara teve participação destacada nas lutas da categoria têxtil da região metropolitana do Recife, mobilizando e organizando os trabalhadores. Preso pela primeira vez em 1958 por liderar uma greve têxtil junto com sua classe, as arbitrariedades só fortaleciam sua ideologia e lhe aumentavam o ânimo.

Mas foi na Zona Canavieira, seu berço, que mais brilhou a atuação do herói, criando ligas camponesas e sindicatos, mobilizando e organizando os camponeses e assalariados rurais.

Reforma ou Revolução?

A ida a Cuba em 1961 - com a Revolução ainda criança, pois ocorrera em 1959 - proporcionou-lhe maior entusiasmo para o trabalho de construção de uma sociedade socialista no Brasil. Ele disse: "Cada camponês que saía, via a força da revolução e a capacidade criadora do povo trabalhador do país irmão".

Descontente com as mudanças ocorridas no PCB como resultado da traição do XX Congresso do PCUS, junto a grande número de militantes desligou-se da organização e fundou o Partido Comunista do Brasil, PCdoB. Capivara

reorganizou esse partido, tendo rompido com a linha reformista não apenas por divergências teóricas, mas pelo encaminhamento das lutas concretas. No seu trabalho *As quatro contradições da Zona Canavieira de Pernambuco*, ele dá um exemplo: "...o engenho Serra pertencia ao criminoso Alarico Bezerra. Os camponeses de toda a região afluíram a Serra para reivindicar terras. Nesta invasão, para evitar contra-ataque dos capangas de Alarico foram postos em armas 100 homens, os quais se portaram com galhardia, sem tocar nos bens da propriedade até que o governo tomasse medidas adequadas... A camarilha revisionista utilizou o presidente do sindicato de Palmares para dissuadir os camponeses dos seus propósitos, o que não conseguiu, tendo sido desarmado e posto em fuga pela massa enfurecida".

Na luta clandestina

Com o golpe militar de 64, Capivara passou a atuar na clandestinidade na zona canavieira, especialmente nos municípios de Jaboatão, São Lourenço da Mata, Moreno, Vitória e Serinhaém.

Participou de um curso de formação e capacitação político-militar na China, onde conheceu as grandes realizações do povo chinês. Pouco tempo após seu retorno, reuniu-se com um grupo de militantes, entre os quais Manoel Lisboa de Moura, ocasião em que avaliaram que a direção do PCdoB estava se burocratizando e emperrando o trabalho revolucionário, e que, de fato, o rompimento com o revisionismo e com o reformismo havia sido apenas formalmente. Em conseqüência dessa avaliação, decidiram sair daquela organização. Tendo Manoel Lisboa à frente, lançaram a *Carta de Doze Pontos aos comunistas revolucionários*, logo após o congresso de fundação do Partido Comunista Revolucionário, PCR, no ano de 1966.

Como dirigente do PCR, atuou durante quatro anos na zona canavieira coordenando ações e organizando conselhos de luta dos assalariados rurais, até ser preso do dia 27 de janeiro de 1970. Na prisão teve comportamento exemplar, resistindo bravamente às torturas praticadas nos cárceres da ditadura militar do Recife e de São Paulo, para onde foi transferido e torturado. Condenado a dois anos de prisão, faltando menos de dois meses para ganhar a liberdade, foi covardemente assassinado na Casa de Detenção do Recife por envenenamento e a pauladas. Sua morte foi tramada pela cúpula dos usineiros mais sanguinários de Pernambuco, chefiados por José Lopes de Siqueira (o mesmo que tentou matar Gregório Bezerra) e Júlio Maranhão, na presença do torturador Sérgio Paranhos Fleury. Um prisioneiro enviou carta anônima ao comandante do IV Exército, denunciando que "...o crime feito contra o preso político Capivara foi feito na maior covardia por três criminosos perversos. Todos os presos estamos revoltados porque não foi tomada nenhuma providência até aqui. Os criminosos

estão todos contentes. O cabeça é Dercílio de Brito, outro é Odilon Marculino e o terceiro é Severino Caboclo. Mais de dez presos viram, mas não querem dizer com medo de morrer. Não boto meu nome para depor, para não morrer também. Se vossa excelência der garantia, me apresento para provar na vista de todos os três". Houve até testemunhas que denunciaram os assassinos, mas os inquéritos foram todos de fachada, nunca indiciando os autores e os mandantes do crime. É claro que os usineiros e os carrascos do regime militar jamais iriam acusar a si próprios.

A imprensa burguesa divulgou versões mentirosas: "Coração trai Capivara a dois meses da liberdade" (*Diário da Noite*, 24/08/1971); e comemorou sua morte: "Fim do Terror" (*Diário de Pernambuco*, 24/08/1971). Achavam que a tranqüilidade voltaria ao campo. Não voltou. Não poderia voltar, uma vez que os canavieiros continuaram sendo explorados, tendo seus mínimos direitos trabalhistas negados, sendo demitidos em massa, vivendo em situação pior do que na época da escravidão.

Milhões de Capivaras

Zóia, Margarete e Luiz devem sentir falta e saudade de seu pai, mas também devem se sentir muito honrados por serem filhos de Amaro Luiz de Carvalho, por terem nas veias o seu sangue. Sangue que é semente dos novos revolucionários na luta por melhores salários, condições de vida e trabalho, ocupando terra e realizando a reforma agrária na Zona da Mata de Pernambuco. Milhões de Palmeiras, de Capivaras, estão nos canaviais e no seio de todo o povo trabalhador, e conduzem a luta por um futuro radiante onde brilhará o sol da liberdade, da justiça e da igualdade, clareando o caminho da construção do socialismo.

Amaro Luiz de Carvalho foi designado responsável pelo trabalho militar das Ligas Camponesas coordenando ações em Pernambuco e Goiás. Não freqüentou nenhuma universidade, mas pelo próprio esforço aprendeu a ler e escrever, a ponto de fazer um trabalho sobre a Zona da Mata, intitulado *As Quatro Contradições da Zona Canavieira de Pernambuco* (Editorial a Luta, 1967), digno de ser assinado por qualquer cientista social. Transcrevemos os trechos em que ele fala do sindicalismo como instrumento de luta e do poder popular que estava sendo construído na região, esperando que sirva para reflexão por parte dos sindicalistas de hoje:

"...Os camponeses da zona canavieira de Pernambuco nunca dependeram nem mesmo das diretorias sindicais para decretarem suas greves. Jamais se submeteram à podridão burocrática da Justiça do Trabalho para se declararem em greve. O que entendiam por decisão coletiva não era o formalismo clássico

das assembléias sindicais, mas sim o apoio recíproco dos camponeses".

"Milhares e centenas de milhares de camponeses de toda a zona canavieira procuravam nas cidade interioranas filiar-se aos sindicatos. As cidades do interior de toda a região açucareira eram sacudidas pela avalanche humana à procura da nova organização, à procura de seus direitos".

"As autoridades constituídas, para os camponeses, não tinham nenhum valor. As delegacias de polícias foram abjuradas. Todas as questões eram levadas ao sindicato, tamanho era o respeito que tinham pela organização. Todo poder emanava do sindicato".

(Luiz Alves é advogado e colaborador do jornal* A Verdade*)

Emmanuel Bezerra dos Santos (Flávio)

Luiz Alves

Na praia de Caiçara, Município de São Bento do Norte (RN), dia 17 de junho de 1943, nasceu Emmanuel Bezerra dos Santos, filho do pescador Luís Elias dos Santos e Joana Elias Bezerra. Líder estudantil no Colégio Atheneu e na Fundação José Augusto, onde cursou Sociologia. Foi também presidente da Casa dos Estudantes de Natal, onde moravam os estudantes pobres do interior que iam tentar a continuidade dos estudos. Teve presença marcante, não apenas pela militância política. Atuou na vanguarda dos movimentos culturais natalenses como poeta, crítico literário e organizador de grupos e associações.

Emmanuel organizou a bancada potiguar ao histórico congresso da UNE de 1968, em Ibiúna (SP). Nesse congresso, foi preso e teve seus direitos estudantis e políticos cassados com base no famigerado decreto nº 477, da Ditadura Militar, que proibia aos estudantes o exercício de atividades políticas nas escolas e universidades. A prisão de seis meses não enfraqueceu o jovem líder, que manteve elevados o ânimo e a certeza na mudança da sociedade.

Tão elevados que, ao sair, ingressou no Partido Comunista Revolucionário – PCR. Dirigiu o comitê universitário, passou a atuar na clandestinidade em Pernambuco e Alagoas, e, em pouco tempo, integrou o Comitê Central, dada a sua "dedicação, honestidade, firmeza ideológica e aprofundamento dos conhecimentos teóricos".

Unir os movimentos anti-imperialistas

No início de agosto de 1973, o PCR enviou-o para Argentina e Chile, com a missão de contatar revolucionários brasileiros e organizações de esquerda latino-americanas, com o fim de construir um processo de unificação do movimento anti-imperialista no continente. Foi preso na fronteira, em meados de agosto, provavelmente pela Interpol e pela polícia brasileira (na época as polícias políticas sul-americanas agiam articuladamente através da Operação Condor (ver ***A Verdade*** n.º 7). Nas mãos do DOI-Codi, órgão da repressão política do Exército, padeceu violentas torturas, até ser morto. Não deu uma informação sequer. Coerente com o lema que defendia, "delação é traição", morreu como herói do povo para manter vivo o Partido.

Farsa, cinismo e covardia

Como costumavam fazer, os órgãos da repressão montaram uma farsa. Divulgaram nota publicada pela imprensa burguesa, dizendo que ele morrera num tiroteio com a polícia no momento em que se encontraria com Manoel Lisboa de Moura em São Paulo. Tudo mentira. Emmanuel encontrar-se-ia com Manoel Lisboa no Recife, no dia 15 de setembro, quando estaria chegando da Argentina. Porém, Manoel fora preso no dia 16 de agosto, tendo sido também barbaramente torturado e assassinado nos porões da repressão. A mentira, como de praxe, era confirmada pelo falso laudo elaborado pelo já desmascarado médico-legista Harry Shibata. A transferência do cadáver de Manoel Lisboa para São Paulo fez parte da montagem da farsa.

Quando saiu a notícia plantada pela polícia política acerca do "tiroteio", no dia 4 de setembro, os corpos de ambos já estavam sepultados na vala comum do cemitério de Perus, em São Paulo. Isto é certo, tanto que dona Iracilda Lisboa, mãe de Manoel, foi a São Paulo no mesmo dia em que foi divulgada a notícia; lá, a polícia política mostrou-lhe duas covas em outro cemitério, dizendo já ter ocorrido o sepultamento. Só restou-lhe colocar duas coroas de flores, mesmo desconfiando não se tratar da sepultura do seu filho e do companheiro e amigo, Emmanuel, fato que veio a ser comprovado posteriormente com a descoberta da vala comum em Perus.

O povo recuperou seu herói

Os restos mortais de Emmanuel foram encontrados numa vala comum clandestina no cemitério de Perus (SP), junto com os de outros militantes de oposição "desaparecidos" durante o regime militar. Trasladado para o Rio Grande do Norte, recebeu merecidas homenagens: vigília cívica no auditório da Casa dos Estudantes de Natal e sepultamento em grande cerimônia cívica, na sua cidade natal, Caiçara, já emancipada do Município de São Bento do Norte. Entre os inúmeros depoimentos apresentados na cerimônia, destacamos os seguintes trechos:

"É este um momento de reencontro do Rio Grande do Norte com sua História. História de muitas gerações de revolucionários, desde a Comuna de Natal de 1935 até a saga dos trabalhadores rurais por terra para sobreviver." (Dermi Azevedo, jornalista).

"Seus restos mortais nos trazem vida; seus ossos suplantaram mais de vinte anos de mentira. Eles pensaram que lhe tinham exterminado, no entanto a força de sua ideologia e de tantos outros que se foram exterminou a ditadura, e mais uma vez fica como exemplo". (Josivan Ribeiro do Monte, membro da comunidade de S. Bento do Norte)

A melhor homenagem

O editorial do jornal *A Luta*, órgão do Comitê Central do PCR, editado depois da morte dos seus três principais dirigentes: Manoel Lisboa de Moura, Manoel Aleixo e Emmanuel Bezerra, comentou: "... A melhor homenagem que poderemos lhes prestar é continuar o trabalho pelo qual deram suas vidas: desenvolver, até a vitória, o trabalho revolucionário que conduzirá o Brasil a ser livre da exploração estrangeira, à democracia, ao socialismo e, finalmente, ao mais belo sonho dos homens, o comunismo".

Em sua edição de número 18, o editorial do jornal A Luta, órgão do Comitê Central do PCR, homenageou Manoel Lisboa de Moura, Emmanuel Bezerra e Manoel Aleixo, como Heróis da Causa Revolucionária. Leia a seguir o trecho relativo a Emmanuel.

Nascido em São Bento do Norte, Rio Grande do Norte, no dia 17 de junho de 1947, Emmanuel Bezerra dos Santos, filho de pais humildes, estudou em Natal, onde participou ativamente do movimento estudantil, principalmente em 1967-1968, quando foi eleito presidente da Casa do Estudante de Natal. Cursava sociologia quando foi cassado e preso, durante seis meses, por causa de sua participação à frente do movimento estudantil em Natal.

Em 1968, ligou-se ao Partido Comunista Revolucionário. Compreendera que a miséria de seu povo, as injustiças e a ditadura fascista brasileira que as garantiam, só podiam ser exterminadas com a existência de uma vanguarda revolucionária que orientasse, organizasse, conscientizasse o povo para a revolução.

Integrado ao partido após sua prisão, resolveu entrar na clandestinidade, dedicar todas as suas energias à revolução. Rapidamente, por sua dedicação, honestidade, firmeza ideológica e aprofundamento dos conhecimentos teóricos, chegou à condição de dirigente do PCR.

Em 1970, passou a dirigir o trabalho do partido em Alagoas, demonstrando grande capacidade como organizador. No início de agosto de 1973, foi enviado ao Chile, como representante do PCR, para discutir com grupos revolucionários brasileiros. Possivelmente, foi preso na fronteira do Chile com a Argentina, pela polícia internacional, a pedido da polícia brasileira. Enviado ao Brasil em meados de agosto, foi torturado, da mesma forma que Manoel Lisboa de Moura, no mesmo, local, QG do IV Exército, e assassinado pelo Departamento de Ordem Interna (DOI), órgão das Forças Armadas semelhante ao Centro de Operações e Defesa Interna (Codi), sob a orientação do celerado Sérgio Paranhos Fleury.

Emmanuel Bezerra foi assassinado friamente, submetido às mais bestiais torturas, por sua atuação revolucionária e, principalmente, por não trair o seu partido e sua organização. Diante dos carrascos, comportou-se como um herói, morreu sob tortura, para manter vivo o partido.

Às gerações futuras

Emmanuel Bezerra

Eu vos contemplo
Da face oculta das coisas.
Meus desejos são inconclusos,
Minhas noites sem remorsos.

Eu vos contemplo,
Pelas grades insensíveis.
Meu sonho,
É uma grande rosa.
Minha poesia,
Luta.

Eu vos contemplo
Da virtual extremidade.
Minha vida (pela vossa).
Meu amor,
Vos liberta.

Eu vos contemplo
Da própria contingência.
Mas minha força
É imbatível
Porque estais
À espera.

Eu vos contemplo
Pelo fogo da batalha.
Meus soldados
Não se rendem.
O grande dia
Chegará.

Eu vos contemplo
Gerações futuras,
Herdeiros da paz e do trabalho.
As grades esmaecem
Ante meu contemplar.

Amaro Félix Pereira (Procópio)

Rafael Freire

A partir do esforço dos familiares de Amaro Félix Pereira, bem como do camarada Edival Nunes Cajá, o Partido Comunista Revolucionário e a história da resistência popular contra a ditadura militar podem agora prestar uma justa homenagem a mais um dos revolucionários que deram sua vida pela democracia e o Socialismo no Brasil.

Pernambucano de Rio Formoso, Amaro Félix nasceu no dia 10 de maio de 1929, filho de Caitana Maria da Conceição e Félix Pereira da Silva. Em 1951, casou-se com Maria Júlia Pereira, em sua terra natal. Tiveram 10 filhos, tendo o mais novo nascido em abril de 1972.

Amaro era conhecido como Procópio, em sua militância no PCR, e foi um importante líder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barreiros (PE), juntamente com o camarada Manoel Aleixo, *Ventania* (ver **A Verdade** nº. 87).

Em 1966, tentou se candidatar a presidente do Sindicato de Barreiros, mas a candidatura não foi aceita, alegando-se estar fora do prazo legal. Apenas seu opositor concorreu. Ao término do pleito, foi preso, acusado de agitar as eleições, que não alcançaram o quórum necessário. Ficou recolhido por três dias e, ao retornar à usina onde trabalhava desde criança, foi demitido. Passou a viver de miudezas e da horta que plantava no quintal de casa.

No ano seguinte, foi candidato a vereador, pelo MDB, a convite do ex-deputado Miguel Mendonça, que se candidatara a prefeito, mas nenhum dos dois se elegeu. Em 1969, trabalhava no sítio de propriedade de Amaro Luiz de Carvalho, *Capivara*, dirigente do PCR.

Pedro Bezerra da Silva, trabalhador rural e companheiro em uma das prisões, declarou que Amaro Félix foi visto certo dia, de madrugada, depois que fora solto pela última vez e desaparecera. Estava dentro de um jipe de placa branca, que estacionou em uma oficina de carros para conserto. Amaro Félix estava deitado debaixo do banco, amarrado por correntes, sendo escoltado por policiais, quando foi visto pelo motorista e por funcionários da oficina.

Outros depoimentos confirmam as perseguições e as ameaças de morte que sofria Amaro Félix. Seu filho mais velho, Elias, declara que também foi preso e espancado pela polícia e por capangas da Usina Central Barreiros. Afirma que, sobre o paradeiro do pai, a família ouviu apenas rumores de que seu corpo teria sido jogado dentro da caldeira da usina ou no Rio Una.

Amaro foi preso em 1964, 1966 e 1969. Em 20 de janeiro de 1970, foi recolhido à Casa de Detenção do Recife para cumprir condenação de um ano de prisão. Uma certidão da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), datada de 11 de março de 2005, informa que foi libertado no dia 24 de novembro de 1970. Seu último depoimento foi prestado em 7 de setembro de 1970, ainda preso na Casa de Detenção, e é com base em suas declarações que foi levantada a maior parte destas informações. Não há registros de outra prisão, tendo ele sido posteriormente seqüestrado e desaparecido no segundo semestre de 1971 ou em 1972.

Segundo relato de Edival Cajá, o camarada Procópio comprovou sua extrema dedicação e fidelidade ao Partido durante o período em que ficou preso na Casa de Detenção do Recife, e, depois de ser seqüestrado, foi torturado até a morte, já que nada revelou sobre o Partido.

A Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos acolheu, em 2 de fevereiro de 2006, por unanimidade, o voto da relatora Maria Eliane Menezes de Farias propondo a aprovação do requerimento assinado por nove dos dez filhos de Amaro, em que solicitavam à Comissão o reconhecimento do pai como desaparecido político, bem como a responsabilização do Estado pelo fato.

Ao zelar pela história daqueles que tombaram na luta sem nunca ter vacilado sobre os princípios revolucionários da causa do Socialismo, o Partido Comunista Revolucionário mantém erguida bem ao alto esta bandeira e presta seu profundo agradecimento aos mais de 400 brasileiros assassinados pelo fascismo que dominou nosso país por duas décadas.

O PCR vive e luta! Viva o Socialismo!

(*Fonte: Livro* **Direito à memória e à verdade**)

Manoel Lisboa de Moura (Galego)

Manoel Lisboa de Moura era conhecido por seus companheiros como Galego, Celso, Zé, Mário e outros nomes. Nenhum capricho. Era preciso despistar os agentes da ditadura militar que o perseguiam desde que a ditadura se instalara no país em 1° de abril de 1964.

Por que ele era um dos homens mais temidos pelo regime fascista, que impôs ao povo brasileiro uma longa noite de terror? Deixemos que o jovem herói fale um pouco de sua própria história.

"Meu despertar para as questões sociais apareceu quando eu tinha a idade de 17 anos. Iniciei-me nesses estudos à medida que ia vendo os erros cometidos pelas administrações dos governos daquela época. Paralelamente, tive a curiosidade despertada para o marxismo, em virtude do alarde que sempre se fez em torno do socialismo como sendo um perigo. Por outro lado, o avanço das idéias do socialismo no mundo atual é um fato bastante comprovado. Os livros que falam do assunto acima referido infestavam todas as livrarias. À medida que ia tomando conhecimento do conteúdo dessas obras, ia relacionando-o com os fatos cotidianos e chegando à conclusão de que nada de perigoso e tremendo ali existia, mas sim uma análise profunda e bem feita dos fatos econômico-sociais. Continuei nos estudos e, aos 19 anos, considerei-me marxista-leninista. Em 1964, fui indiciado por vender livros e revistas em uma pequena livraria. Fui libertado após 15 dias de prisão." (Depoimento prestado por ocasião de sua segunda prisão, em 12 de agosto de 1965)

A juventude

Vamos completar a história, já que ele não tinha nenhum motivo para revelar à repressão militar sua ação política. Manoel Lisboa de Moura nasceu em Maceió, Estado de Alagoas, no dia 21 de fevereiro de 1944, filho de Augusto de Moura Castro, oficial da Marinha, e de Iracilda Lisboa de Moura. Sua formação político-ideológica não se deu apenas por meio de leituras, nem sua prisão ocorreu simplesmente por ele vender livros proibidos. Ainda adolescente, organizou o grêmio do antigo Liceu Alagoano, depois Colégio Estadual. Foi diretor da União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas (Uesa) e, aos16 anos, ingressou na Juventude Comunista do PCB. Como universitário, organizou o

Centro Popular de Cultura da UNE (CPC) em Maceió, apresentou e dirigiu peças de teatro, envolvendo, inclusive, operários da estiva.

O Golpe Militar de 1964 o encontrou cursando Medicina na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), de onde o expulsou, cassando-lhe os direitos políticos. Nessa ocasião, pertencia ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB), organização criada em 1962 diante da linha reformista adotada pelo velho "Partidão" desde o 20° Congresso do PC da União Soviética, fato que provocou a cisão dos militantes.

Lisboa transferiu-se para o Recife, onde continuou na luta revolucionária. Trabalhava na Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste (Cerne). Em julho de 1966, foi novamente preso, logo após o atentado contra o ditador de plantão, marechal Artur da Costa e Silva, ocorrido no Aeroporto dos Guararapes. A polícia não conseguiu incriminá-lo, pois o inquérito comprovou que ele, no momento do ocorrido, estava trabalhando na Cerne com seu irmão, engenheiro e capitão do Exército. Posto em liberdade quatro dias depois, concluiu que não era possível continuar levando uma vida legal e dedicar-se à causa revolucionária, optando então pela vida clandestina.

Em meados de 1966, Manoel Lisboa resolveu sair do PCdoB por constatar que o partido se diferenciava do PCB apenas na teoria, enquanto na prática seguia o mesmo caminho reformista, além de desprezar o Nordeste e praticar métodos de direção incorretos. Por exemplo: em vez de dialogar com os militantes de base, ao receber críticas ao seu trabalho, a direção desenvolvia campanha de desmoralização com calúnias contra aqueles que questionavam alguma de suas atitudes.

Dezembro de 1966: Manoel Lisboa, Amaro Luiz de Carvalho, o Capivara (ver *A Verdade*, n° 9), Ricardo Zarattini Filho (engenheiro, banido do Brasil em 1969, depois do seqüestro do embaixador estadunidense) e outros companheiros fundaram o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Apesar das duras condições da luta clandestina, o PCR procurou ligar-se às massas camponesas, operárias e estudantis em todo o Nordeste. Para isso, desenvolvia trabalho de conscientização na base e intensa campanha de denúncias das arbitrariedades e crimes cometidos contra os trabalhadores, conclamando o povo para organizar-se e lutar por seus direitos. O Partido propunha a utilização de todas as formas de luta, legais e ilegais, abertas ou clandestinas, destacando a luta armada como a única capaz de destruir realmente a ditadura, desde que contasse com o apoio, a compreensão e a simpatia do povo.

A libertação do povo acima de tudo

No dia 16 de agosto de 1973, a repressão conseguiu seu intento. Quando conversava com uma operária, a quem dava assistência política na Praça Ian

Flemming, no bairro de Rosarinho, Manoel Lisboa foi agarrado por um bando de fascistas, sob as ordens do agente Luís Miranda e do delegado paulista Sérgio Fleury, algemado, arrastado para um veículo e conduzido para o DOI-Codi do IV Exército, então situado no Parque 13 de Maio. Fortunata, a operária, presenciou a cena. "Foi uma verdadeira operação de guerra. Quando um homem se aproximou, ele fez menção de pegar a arma, mas foi inútil. De todos os lados da praça surgiam homens. Carros e carros surgiram".

Numa de suas belas e contundentes canções, o compositor e cantor Zé Ramalho afirma que "na tortura toda carne se trai". Errado. Manoel Lisboa foi submetido a todo tipo de tortura. Despido, pendurado no pau-de-arara, espancado por todo o corpo, choques elétricos no pênis, nas mãos, nos pés, nas orelhas, queimado com vela, logo nos primeiros dias perdeu a sensibilidade dos membros inferiores. Não podia se locomover nem se alimentar.

Manoel sabia tudo da organização. Era seu dirigente máximo, conhecia todos os segredos. Um segundo de vacilação e o PCR estaria completamente aniquilado. Mas ele foi coerente com o que sempre pregara: "Delação é traição e a traição é pior do que a morte. O revolucionário é como um prisioneiro de guerra; só declina o próprio nome. A causa revolucionária, a democracia, a libertação nacional, o socialismo estão acima da própria vida". Maria do Carmo Tomaz e Juarez José Gomes viram-no cheio de hematomas e ouviram seus gritos. Outros prisioneiros chegaram a falar com ele, que disse: "Sei que minha hora chegou; fiz o que pude; a vocês, peço apenas que continuem o trabalho do Partido".

Num certo dia do mês de setembro, ela não recorda a data, Maria do Carmo Tomaz foi levada a uma câmara de tortura, onde lhe deram a notícia da morte de Manoel Lisboa e afirmaram: "Um igual àquele vocês não vão encontrar nunca mais". Enganaram-se. Na luta do povo, no seio do Partido que fundou e dirigiu, diariamente se forjam revolucionários da têmpera de Manoel Lisboa, à luz do seu exemplo, regados pelo seu sangue.

No dia 5 de setembro, os jornais do Recife e os principais jornais do país publicaram nota que dizia: "Durante tiroteio com os órgãos de segurança interna, morreram na manhã de ontem em Moema, São Paulo, os terroristas Manoel Lisboa de Moura e Emmanuel Bezerra dos Santos, que fizeram parte do atentado ao marechal Costa e Silva, então presidente da República, em visita ao Recife, em 1966".

A farsa foi facilmente desmontada. Emmanuel Bezerra estava em missão do Partido no exterior e encontrar-se-ia com Lisboa no Recife, no dia 15 de setembro. Preso pela Operação Condor, provavelmente na fronteira entre Argentina e Chile, Bezerra foi conduzido ao DOI-Codi de São Paulo, torturado e morto por não abrir as informações de que a repressão precisava para destruir o Partido. Fleury levou Manoel Lisboa para São Paulo apenas para montar a farsa. A vida mostrou, entretanto, que os verdadeiros terroristas eram Fleury e Miranda, e que, Manoel Lisboa e Emanuel Bezerra são heróis do povo.

Manoel tinha amor à vida. Era feliz, tanto por sua militância, como por sua vida pessoal. Tinha uma companheira, Selma Bandeira, com quem mantinha relação amorosa plena, baseada não apenas em afinidades, mas na militância revolucionária comum. Um amor comunista. Mas a tudo isso ele renunciou, confirmando a tese de Che Guevara, de que "o verdadeiro revolucionário é movido por grandes sentimentos de amor", um amor maior, pela humanidade, livre das opressões e das injustiças.

Manoel Lisboa vive! Viva o PCR!

Manoel volta para os braços dos seus. Familiares, amigos, companheiros, recebido no Recife e em Maceió, cidades onde viveu e lutou, deu o melhor de si pela causa da liberdade e do socialismo. Homenageado pelo Partido que fundou e que, graças à sua bravura, sobreviveu à sanha da ditadura, fortalecendo a cada dia a sua organização e ampliando a ligação com as massas, como defendia seu fundador.

Manoel, herói do povo!

"No dia em que fui presa, me colocaram frente a frente com ele. Estava totalmente nu, com bastante hematomas. Ele fixou os olhos em mim e nada falou. Me arrasei quando o vi. Depois fiquei numa cela vizinha, ouvindo os seus gritos. Durante muito tempo pensei que ia enlouquecer, não conseguia me libertar daqueles gritos de dor. Seu comportamento causou admiração até mesmo aos seus torturadores. Num certo dia do mês de setembro, me levaram a uma câmara de tortura e me deram a triste notícia de que Manoel estava morto. Ficaram me olhando e disseram: "Um igual àquele vocês não vão encontrar". Senti vontade de cuspir na cara de cada um, me deu um ódio".

***Maria do Carmo Tomaz**, operária.*

"De Manoel, afirmo com emoção: nunca vi uma atitude sua que revelasse desonestidade ou egoísmo. Quantas vezes o presenciei cansado, oferecer sua cama a um companheiro e dormir no chão. Na sua primeira prisão, deu sua camisa a um prisioneiro que tremia de frio. Fazia essas coisas naturalmente, sem alarde, era da sua índole.
Manoel, sozinho, indefeso, desmoralizou os carrascos, superou sua força vital; pelo conjunto de sua vida, demonstrou ser o produto da elaboração histórica, que em sua forja misteriosa elabora, de tempos em tempos, homens que sintetizam as qualidades mais nobres da espécie. A ti, Manoel, a homenagem modesta deste teu amigo que se sente feliz por essa amizade e proclama ao mundo: És um HOMEM DE VERDADE, tua única ambição.

Valmir Costa*, médico veterinário*

"Manoel ou o "Camarada Zé" foi além de todos os limites. Passou por todos os sofrimentos físicos e psicológicos, possíveis e imagináveis. Assistiu por dias e dias à sua própria agonia. Se viu e sentiu morrer lentamente. Superou tudo. Derrotou tudo. A tortura, a dor, o medo, a própria morte. Venceu a natureza e o instinto de sobrevivência. Ninguém, nunca, em tempo algum, poderá afirmar os valores maiores da condição humana, além do que fez o "Camarada Zé". Lembramos sempre dele. Com saudade, com tristeza, com alegria, com emoção. Às vezes, choro escondido uma lágrima solitária, por sua memória. E em alguma madrugada, tenho vontade de sair pelas ruas, pichando em sua homenagem seu slogan favorito: " O PCR vive e luta"!

José Nivaldo*, publicitário e professor de História da UFPE*

"Em Manoel Lisboa, a coerência não era algo ocasional. Era uma permanente forma de conduta. Desde aquela sua opção, ele nunca se afastara, um milímetro sequer, da disciplina coletiva, da dialética marxista, enfim, do socialismo científico, como ciência e guia da sua ação diária. Por isso, nós sempre vimos na figura de Manoel o símbolo vivo do novo homem entre nós, e ele o confirmou, sem qualquer sombra de dúvida, até o último instante da sua vida, mesmo nas piores situações possíveis, como na câmara de tortura.".

Edival Nunes Cajá*, presidente do Centro Cultural Manoel Lisboa e membro do Comitê Central do Partido Comunista Revolucionário*

"Manoel é exemplo de um verdadeiro revolucionário, que não vacilava em colocar os interesses de seu povo e da revolução acima dos interesses pessoais. Homens como Manoel são os que fazem a diferença, e como, disse Brecht, são os imprescindíveis. É um orgulho e uma honra para todo comunista ser membro do PCR, o Partido fundado por Manoel Lisboa".

Lula Falcão*, diretor de e* **A Verdade**
e membro do Comitê Central do PCR

Teu sangue será adubo

Nosso orgulho pela tua coragem,
tua bravura, teu espírito de luta,
tua dignidade, teu heroísmo.
Soubeste construir faróis para iluminar a escuridão.
Foste luz no túnel
Teu sangue será adubo
Tua alma já é semente
No fulgor da aurora
De um novo tempo
Tu brilharás
Certeza tenho
Manuel manual de amor
Justiça- liberdade – paz
Na dor de hoje, na dor de sempre,
Teus companheiros te homenageiam
Presença viva, na esperança
Cantaremos todos, e a ti
O novo sol
És o futuro
O amanhã virá!

(Selma Bandeira, companheira de Manoel Lisboa, em 14/09/1973)

Herói comunista

Eles te sangraram
te queimaram
nunca te curvaram
Eles dilaceraram
teu corpo
nunca tua alma
Eles venceram
Teu corpo
nunca tua vontade
Eles te mataram
Estás vivo...
Eles monstros fascistas
Tu herói comunista
Protótipo da humanidade futura
Eles, vermes anônimos
Tu, Manoel Lisboa de Moura

(Valmir Costa, publicada em A LUTA, dezembro de 1974, assinado por Lucas)

Vencer as torturas é dever revolucionário

"A causa revolucionária gera nos seus militantes uma resistência que termina apenas com a morte. Devemos e podemos resistir a qualquer tortura. O movimento revolucionário está cheio de exemplos que comprovam nossa tese."

Manoel Lisboa

A ditadura militar brasileira necessita do terror policial como o peixe necessita da água. Ela surgiu no nosso cenário histórico, justamente para impor o terror. Era preciso proteger os interesses do capital estrangeiro, da alta-burguesia nacional e dos latifundiários, ameaçados pela relativa liberdade existente no governo João Goulart. Tal liberdade facilitava o esclarecimento e a organização do povo pelas forças revolucionárias. Esse esclarecimento e essa organização desembocariam, mais cedo ou mais tarde, numa rebelião total contra a dominação imperialista em nosso país. Para esmagá-la no nascedouro, a Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos revolveu o museu de nossa história, lá encontrando os agentes indicados, os generais mais fascistas, mais fiéis aos monopólios norte-americanos e seus aliados nacionais.

Para cumprir sua missão, sabiam e sabem os generais, era indispensável prolongar a secular miséria de nosso povo, desde que a melhoria das condições de vida do mesmo é incompatível com a dominação de nossa economia pelos monopólios estrangeiros e a estrutura agrária, em que predomina o latifúndio. Sabiam e sabem os generais que sua missão se constituía na mais vergonhosa traição, no mais terrível crime contra o povo. No entanto, aceitaram, e cumprem com perfeição o papel de fiéis lacaios do imperialismo ianque. Para eles, nada mais honroso que os dólares recebidos e os elogios de Nixon ao "milagre brasileiro".

Da noite para o dia, o Brasil se transformou no reino do capital estrangeiro. Empresas ianques, alemãs, japonesas, inglesas, francesas, etc. investem no Brasil, pois aqui está garantida a expansão dos seus lucros. Os generais brasileiros, chibata em punho, protegem o capital estrangeiro contra os "altos salários", as greves e outros atropelos, mesmo que isso resulte em mais fome, mais desemprego, mais doenças para os trabalhadores.

Para ocultar seus crimes contra o povo, os militares montaram a mais poderosa máquina de propaganda da história brasileira. A cada instante, ela vomita mentiras e procura explorar cinicamente o amor das massas pelos esportes e pelas festas. Tudo isso, para impedir que o povo compreenda a causa real de seus sofrimentos; no entanto, por maior que seja a propaganda, sabem os

generais ser impossível esconder indefinidamente a verdade. É absurdo tentar convencer um homem a amar "uma pátria" que lhe mata de fome. Façam o que fizerem os generais, jamais conseguirão transformar o povo num rebanho de mansos carneiros dispostos ao sacrifício.

O povo brasileiro, estes milhões de explorados, nunca esteve satisfeito com sua miséria. Resta-lhe apenas entender claramente quem são os responsáveis por essa miséria. É aí onde reside o imenso papel da vanguarda revolucionária. Essa vanguarda é o destacamento organizado, consciente, da classe operária. Sua missão histórica consiste em ligar-se às massas oprimidas e dirigi-las para a conquista do poder. Sem a ação da vanguarda, sem a direção de um Partido Comunista Revolucionário, a revolta do povo será sempre cega e inconseqüente.

Compreendendo a importância da vanguarda no processo revolucionário, a ditadura militar, assistida e apoiada pelos patrões ianques, resolveu aniquilar todos os grupos que atuam como vanguarda. Além das prisões em massa, os carrascos da ditadura torturam e matam todos aqueles que não aceitam sua dominação e lutam contra ela. A ordem é esmagar totalmente as forças revolucionárias, para impedir seu trabalho de esclarecimento junto ao povo. Nessa tentativa, os militares têm uma arma poderosíssima, considerada, inclusive, por muitos "revolucionários" como infalível: A TORTURA: física e psicológica.

Graças à tortura, os militares conseguiram grandes vitórias no seu intento de aniquilar as forças revolucionárias. Grande parte dos grupos revolucionários foi profundamente atingida pela repressão, causando o desbaratamento de suas organizações e gerando profundo ceticismo quanto às possibilidades de enfrentar vitoriosamente a ditadura. É que uma parte bastante significativa dos revolucionários presos não conseguiu comportar-se com firmeza diante dos torturadores, delatando seus companheiros e abrindo para a polícia os esquemas revolucionários.

Aliada ao liberalismo em questões de segurança, a DELAÇÃO tem sido a causa principal dos profundos golpes que ameaçam destruir totalmente grande parte dos grupos revolucionários brasileiros. Por que a delação? Por dois motivos:

1º - pela falta de maior preparação ideológica dos militantes presos;

2º - pela tese oportunista, bastante difundida em alguns grupos, de que "existe um ponto máximo, além do qual ninguém pode resistir às torturas"

Consideramos de importância capital, afastar a delação como regra do comportamento revolucionário ante as torturas. Caso contrário, assinaremos o atestado de óbito do movimento revolucionário brasileiro, desde que a ditadura jamais abandonará as torturas e conseqüentemente o processo de

desbaratamento das forças revolucionárias conduzirá à sua total destruição e desmoralização.

É inadiável adquirir uma postura correta diante de todas as armas utilizadas pelo fascismo. Nossa prática tem confirmado que o militante revolucionário tem obrigação de não delatar, de nada informar aos carrascos policiais, que possa ajudá-los a golpear a revolução. Para tanto, é essencial que o militante esteja armado com uma compreensão científica da revolução, com a convicção de seu papel de instrumento consciente de um processo inevitável, o que lhe dará a certeza de que a delação, a traição, é um mal muito maior que a morte. O revolucionário consciente é capaz de vencer qualquer obstáculo; não há "ponto máximo" de tortura capaz de quebrar sua dignidade de combatente da mais justa das causas - a libertação do homem. Marx afirma que a teoria se transforma em força material quando se apossa das massas. A teoria revolucionária também se transforma em poderosa força material quando se apossa do combatente da causa proletária, uma força tão potente que faz tremer, ante um homem indefeso, as feras do fascismo sedentas de sangue.

A causa revolucionária gera nos seus militantes uma resistência que termina apenas com a morte. Devemos e podemos resistir a qualquer tortura. O movimento revolucionário está cheio de exemplos que comprovam nossa tese. A opinião oportunista a respeito "do ponto máximo" é um contrabando ideológico trazido para o seio do movimento revolucionário pela pequena-burguesia, historicamente vacilante e covarde. Devemos repeli-la, juntamente com todos os vícios pequeno-burgueses como o liberalismo, o amoralismo e outros que tanto têm contribuído para o enfraquecimento da revolução brasileira.

Nossa grande tarefa histórica, no momento, é forjar um Partido Revolucionário da Classe Operária, um destacamento consciente, organizado, de vanguarda, capaz de se ligar ao povo e conduzi-lo para a libertação definitiva. Para cumpri-la, temos de ser "homens de uma têmpera especial", incapazes de se dobrar diante do inimigo, sejam quais forem as circunstâncias, incapazes de delatar, trair. Se assim agirmos, dentro de algum tempo, a ditadura fascista demonstrará como é frágil sua estrutura ante o povo organizado, rebelado, decidido a construir de vez o caminho da felicidade.

Que, sejam quais forem as condições, fique gravado no espírito de cada um que DELAÇÃO É TRAIÇÃO; que ao homem digno, honesto, nada é mais terrível que servir ao "lobo com rosto de homem": o capitalismo e seus lacaios fascistas. Para eles, somente, nosso ódio, nossa certeza inquebrantável no amanhã livre, todas as nossas energias e, se preciso, a última gota de nosso sangue para que nasça o amanhã.

*(Escrito por Manoel Lisboa em 1972 e publicado na revista **LUTA IDEOLÓGICA** do Partido Comunista Revolucionário)*

Aos heróis da causa revolucionária

(Editorial do jornal *A Luta*, dezembro de 1974)

Em dezembro de 1966, numa reunião realizada no Recife, nascia o Partido Comunista Revolucionário. Entre seus fundadores, destacava-se, por sua determinação, energia, clareza e honestidade revolucionária, um jovem alagoano de 22 anos, ex-estudante de medicina, que abandonara as comodidades de uma futura vida como profissional liberal para se dedicar, de corpo e alma, à luta revolucionária pela libertação do povo brasileiro da fome, da miséria e das injustiças.

Seu nome: Manoel Lisboa de Moura. Sua vida: uma legenda de honestidade, heroísmo e amor aos oprimidos. Desde muito jovem, Manoel Lisboa sentiu a vida miserável de seu povo. Desde cedo, revoltou-se contra as injustiças sociais. Logo compreendeu que a miséria e as injustiças tinham sua origem no sistema econômico-social existente no Brasil e em grande parte do mundo: o capitalismo. Sentiu que não havia nada mais digno, mais justo, mais necessário, mais honesto, que lutar contra o capitalismo. Percebeu que a luta contra o capitalismo no Brasil assumia a forma imediata de uma luta antiimperialista, pois o Brasil nada mais representava que um apêndice do capital estrangeiro, um satélite dos Estados Unidos. Compreendeu que, para lutar contra o capitalismo, era indispensável unir-se, organizar-se, militar num partido revolucionário.

Em 1960, aos 16 anos, ingressou no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1962, percebendo que o PCB não representava realmente as necessidades de uma vanguarda revolucionária, não passava de uma organização reformista, mero apêndice do Partido Comunista da URSS, (que, a partir de 1956, durante o famigerado XX Congresso, deixou de ser um partido revolucionário do proletariado para se transformar num partido revisionista e burguês), abandonou-o e ingressou no Partido Comunista do Brasil (o PCdoB, que, na época, erguia a bandeira do anti-reformismo e da revolução).

Por sua atuação no movimento estudantil, em Maceió, defendendo a linha revolucionária do Partido Comunista do Brasil, criticando o oportunismo dos militantes do PCB, atraiu para si o ódio desta organização, que não poupou esforços para caluniá-lo e até agredi-lo fisicamente. Com o golpe militar de abril de 1964 foi obrigado a foragir-se, tendo sua casa invadida por policiais armados de metralhadoras. A partir de então, obrigado a abandonar o curso de medicina no primeiro ano, não hesitou: decidiu dedicar toda sua vida, todas as suas energias, ao movimento revolucionário.

Em 1965, no dia 12 de agosto, foi preso, submetido a ameaças de morte, maltratado fisicamente (obrigado a ficar de pé sem dormir durante vários dias) e posto em liberdade no dia 25 de setembro do mesmo ano. Em julho de 1966, foi novamente preso, logo após o atentado ao presidente Costa e Silva no Aeroporto dos Guararapes. No dia e na hora do atentado, encontrava-se trabalhando na Cerne, juntamente com seu irmão, engenheiro, na época capitão do Exército. A polícia tentou incriminá-lo no atentado mas, pela evidente falta de provas, liberou-o quatro dias depois.

No dia 2 de setembro seguinte, sentindo a possibilidade de novas prisões e a impossibilidade de conciliar uma vida "normal" com a necessidade de dedicar-se integralmente à luta revolucionária, abandonou voluntariamente a vida legal, substituindo-a pelos sacrifícios da vida clandestina.

Em meados de 1966, sua honestidade revolucionária obrigou-o a abandonar o PCdoB por sentir que ele diferia do PCB apenas na forma, na teoria, em palavras. Na prática, seguia uma política oportunista, abandonando o Nordeste, concentrando seu trabalho no Centro-Oeste e no Centro-Sul e utilizando, com os militantes que ousavam criticar sua atuação, uma tática de desmoralização, baseada em calúnias, em tudo semelhante aos métodos do PCB.

Em dezembro de 1966, Manoel Lisboa de Moura, junto com Amaro Luiz de Carvalho (líder camponês, assassinado na Casa de Detenção do Recife pela polícia, no dia 22 de agosto de 1971), Ricardo Zarattini Filho (engenheiro, banido para Cuba em 1969, após o seqüestro do embaixador norte-americano no Brasil) e outros companheiros, fundou o Partido Comunista Revolucionário (PCR).

Tendo como objetivo derrubar a ditadura militar fascista implantada no Brasil em abril de 1964 e instaurar, em seu lugar, um governo popular revolucionário, o PCR defendia a necessidade de se ligar às massas oprimidas e organizá-las, conscientizá-las e conduzi-las à luta contra a ditadura. Para tanto, propunha a utilização de todas as formas de luta, legais ou ilegais, abertas ou clandestinas, salientando, no entanto, a luta armada como a forma de luta principal, a única capaz de realmente destruir a ditadura, se contasse com o apoio, a compreensão e a simpatia do povo.

Pondo em prática sua linha política, o PCR, liderado por Manoel Lisboa de Moura, procurou ligar-se às massas camponesas, estudantis e operárias, em todo o Nordeste, utilizando todos os meios disponíveis a uma organização caçada intensamente pela polícia. Desenvolveu junto ao povo uma propaganda baseada principalmente em denúncias de arbitrariedades e crimes cometidos contra os trabalhadores, na defesa de seus objetivos e na conclamação para a necessidade de o povo organizar-se e lutar por seus direitos.

No dia 15 de agosto de 1973, ao anoitecer, quando dava assistência política a uma operária na Praça Ian Fleming, Recife, Manoel foi cercado por dezenas de

agentes da ditadura. Agarrado pelas costas por um bando de policiais, Manoel foi algemado, encapuzado e arrastado para um automóvel. Imediatamente, foi conduzido para o Quartel do IV Exército, situado ao lado do Parque 13 de Maio e da Faculdade de Direito. Lá chegando, foi arrastado para uma pequena sala de aproximadamente dois metros de fundo, por dois de largura, revestida de material acústico.

A partir de então, foi submetido a todas as torturas físicas e psicológicas que o sadismo bestial do fascismo transformou num método sistemático, "científico", de arrancar informações daqueles que ousassem lutar contra sua dominação. Despido, foi pendurado no "pau-de-arara", espancado no rosto, no testículos, no abdome. Recebeu choques elétricos no pênis, nas mãos, nos pés e nas orelhas. Foi queimado a vela em todo o corpo, perdendo, logo nos primeiros dias, a sensibilidade dos membros inferiores do corpo.

Seus carrascos, orientados pelo bandido, chefe do Esquadrão da Morte, policial agraciado com uma medalha de honra ao mérito no Governo Médici e recentemente elogiado publicamente como herói e policial-padrão, pelo atual Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Sérgio Paranhos Fleury (assassino de vários revolucionários como Amaro Luiz de Carvalho, Carlos Marighela, Joaquim Câmara Ferreira, Manoel Aleixo, Emmanuel Bezerra e outros), exigiam que Manoel Lisboa de Moura lhes informasse sobre as atividades do Partido Comunista Revolucionário, sobre a infra-estrutura da organização e, principalmente, lhes informasse o nome e localização dos demais companheiros.

Manoel Lisboa sabia de tudo. Conhecia, como dirigente máximo do Partido, todos os segredos da organização. Um segundo de vacilação bastaria para que seus torturadores obtivessem as informações que buscavam arrancar e, provavelmente, depois de dobrá-lo, transformá-lo num delator, num traidor, salvar-lhe a vida.

No entanto, Manoel Lisboa sabia que a delação é traição e que a traição é pior que a morte. Sentia profundamente a verdade por ele proclamada de que a causa revolucionária, a democracia, a libertação nacional, o socialismo e o comunismo estão acima da própria vida individual.

Amante da vida, da natureza, de todas as coisas belas; amante de uma companheira que lhe concedia todos os prazeres, todas as alegrias de que é capaz o verdadeiro amor, fundamentado no ideal comunista, numa amizade indestrutível; mesmo assim Manoel Lisboa não hesitou um segundo. Nos momentos em que se defrontou com outros companheiros, na sala de torturas, embora dilacerado pela dor, consciente da morte inevitável e próxima, Manoel Lisboa sempre os incentivou, pedindo-lhes que nada informassem aos seus carrascos. Quando começaram a martirizá-lo com choques elétricos, ele,

mesmo algemado, investiu contra os torturadores, conseguindo destruir a macabra máquina de dar choques. Aos companheiros com quem pôde falar, disse: "Sei que a minha hora chegou; fiz o que pude; a vocês, peço apenas que continuem o trabalho do Partido".

No dia 5 de setembro de 1973, os jornais do Recife e os grandes jornais do país publicaram uma nota que dizia: "Durante tiroteio com agentes dos órgãos de segurança interna, morreram na manhã de ontem, em Moema, São Paulo, os terroristas Manoel Lisboa de Moura e Emmanuel Bezerra dos Santos, que fizeram parte do atentado ao Marechal Costa e Silva, então presidente da República em visita ao Recife, em 1966". Segundo ainda o comunicado, "Manoel Lisboa de Moura levou a polícia até um encontro que teria com Emmanuel Bezerra em São Paulo, às 08:30 hs do dia 4 de setembro, quando se travou um tiroteio que resultou na morte dos dois". Esta nota reflete o cinismo, a covardia e o intuito de caluniar dois revolucionários, dois patriotas que preferiram morrer a trair seus companheiros e seus ideais.

Cinismo e calúnia porque Manoel Lisboa e Emmanuel Bezerra foram presos no mês de agosto, em meados de agosto. Emmanuel estava desarmado quando foi preso (a polícia divulgou que Emmanuel, quando pressentiu a presença da polícia, começou a atirar) e Manoel Lisboa foi agarrado pelas costas, algemado e seqüestrado. Manoel Lisboa foi preso no Recife no dia 16 de agosto; Emmanuel foi preso fora do Recife, provavelmente na fronteira da Argentina com o Chile. Os dois não tinham nenhum encontro em São Paulo; tinham um encontro apenas no dia 15 de setembro, no Recife. Calúnia porque, quando do "atentado ao Marechal Costa e Silva", Manoel Lisboa encontrava-se trabalhando no escritório da Cerne, no Recife, e Emmanuel residia e estudava no Rio Grande do Norte. Calúnia, sobretudo, porque Manoel Lisboa e Emmanuel Bezerra morreram, principalmente, por que nada disseram aos seus carrascos.

Manoel Lisboa de Moura teve, diante dos carrascos que o torturavam, o comportamento digno de um grande herói da causa do povo, a atitude de um verdadeiro revolucionário, de um homem que, por desejar e acreditar na libertação da humanidade de todas as opressões e injustiças, morre mas não se curva nunca. Seus carrascos dilaceraram seu corpo, mas nunca conseguiram, em nenhum instante, dobrar-lhe a espinha, curvá-lo.

Sua atitude diante dos torturadores, diante da morte, servirá, sempre, de exemplo aos seus companheiros de Partido que juram levar adiante seu único pedido: continuar o trabalho. No entanto, seu comportamento não causou surpresa. Era o previsto, o esperado. O esperado de um homem que sempre demonstrou, em todos os momentos da vida, uma crença inabalável na revolução, uma energia inesgotável a serviço da causa, uma total dedicação à revolução e a tudo que lhe dissesse respeito. Era o previsto de quem nunca

reclamou dos sacrifícios inerentes à vida clandestina, de quem amava, ajudava e se dedicava aos seus companheiros, muitas vezes em detrimento de sua individualidade.

Manoel Lisboa de Moura, principal fundador, chefe, organizador do Partido Comunista Revolucionário. Seu nome sempre será exaltado, sua vida será o espelho no qual se observarão seus companheiros de luta. Manoel Lisboa, herói comunista, modelo de homem futuro, companheiro admirado e amado por todos.

Manoel Lisboa, teus companheiros te vingarão!

II - EMMANUEL BEZERRA

Nascido em São Bento do Norte, Rio Grande do Norte, no dia 17 de junho de 1947, Emmanuel Bezerra dos Santos, filho de pais humildes, estudou em Natal, onde participou ativamente do movimento estudantil, principalmente em 1967-1968, quando foi eleito presidente da Casa do Estudante de Natal. Cursava sociologia quando foi cassado e preso, durante seis meses, por causa de sua participação à frente do movimento estudantil em Natal.

Em 1968, ligou-se ao Partido Comunista Revolucionário. Compreendera que a miséria de seu povo, as injustiças e a ditadura fascista brasileira que as garantiam, só podiam ser exterminadas com a existência de uma vanguarda revolucionária que orientasse, organizasse, conscientizasse o povo para a revolução.

Integrado ao partido após sua prisão, resolveu entrar na clandestinidade, dedicar todas as suas energias à revolução. Rapidamente, por sua dedicação, honestidade, firmeza ideológica e aprofundamento dos conhecimentos teóricos, chegou à condição de dirigente do PCR.

Em 1970, passou a dirigir o trabalho do partido em Alagoas, demonstrando grande capacidade como organizador. No início de agosto de 1973, foi enviado ao Chile, como representante do PCR, para discutir com grupos de revolucionários brasileiros. Possivelmente, foi preso na fronteira do Chile com a Argentina, pela polícia internacional, a pedido da polícia brasileira. Enviado ao Brasil em meados de agosto, foi torturado, da mesma forma que Manoel Lisboa de Moura, no mesmo local, QG do IV Exército, e assassinado pelo Departamento de Ordem Interna (DOI), órgão das forças armadas, semelhante ao Centro de Operações e Defesa Interna (CODI), sob a orientação do celerado Sérgio Paranhos Fleury.

Emmanuel Bezerra foi assassinado friamente, submetido às mais bestiais torturas, por sua atuação revolucionária e, principalmente, por não trair o seu partido e sua organização. Diante dos carrascos, comportou-se como um herói, morreu sob tortura, para manter vivo o partido.

III - MANOEL ALEIXO DA SILVA

Nascido em 4 de junho de 1931, em São Lourenço da Mata (PE), trabalhou como assalariado agrícola desde criança. Em 1962-1964, participou ativamente à frente do movimento camponês em Pernambuco. Em 1967, quando da criação do PCR, ligou-se ao partido, desenvolvendo intenso trabalho clandestino de organização dos assalariados agrícolas da Zona da Mata de Pernambuco e Alagoas.

Em 1969, foi preso por suas atividades revolucionárias. Em 1970, foi posto em liberdade, integrando-se novamente ao Partido, ficando como principal responsável pelo setor de campo do PCR em Pernambuco. Desenvolveu também trabalho junto aos assalariados agrícolas, possibilitando muitas perspectivas favoráveis ao partido, no setor.

Foi preso em Ribeirão (PE), nos fins de agosto, e trazido para o Recife onde, no QG do IV Exército, foi submetido a torturas semelhantes às descritas com relação aos outros companheiros, e morto em decorrência delas. Descaradamente, a polícia publicou uma nota do dia 8 de dezembro de 1973, na qual dizia que Manoel Aleixo foi morto quando reagiu à prisão, no dia 29 de agosto, em Ribeirão.

Apesar de semi-analfabeto, Manoel Aleixo possuía uma acentuada visão de classe, um ódio profundo aos usineiros e senhores de engenho. Compreendia com clareza a necessidade de derrubar a ditadura militar por meio da luta armada, da guerra popular. Tinha uma grande capacidade de liderança e organização.

A quem lhe perguntasse sobre a situação das massas camponesas (assalariados agrícolas) de Pernambuco, ele respondia com clareza e firmeza: "As massa camponesa tão revoltadas, o Partido precisa começar a arranjar as arma pra começar logo o pau. Mais quente do que tá, não pode; nóis não deve perder a oportunidade". Ele sabia o que estava afirmando. Sua longa e sofrida experiência como assalariado lhe possibilitava um conhecimento profundo dos sentimentos das massas camponesas.

Na sala de torturas, comportou-se como um autêntico herói, nascido do povo. Diante das torturas mais atrozes, cerrou os dentes, nada falou aos sádicos policiais. Morreu como um herói do povo, um combatente do partido, digno e firme como uma rocha.

IV - CONCLUSÃO

Manoel Lisboa, Emmanuel Bezerra, Manoel Aleixo: três heróis da

revolução brasileira, três grandes comunistas, três grandes companheiros, assassinados sob tortura porque souberam conduzir o amor ao povo e à humanidade até às últimas conseqüências.

Seus corpos mutilados não foram entregues às famílias, pois seriam mais do que cadáveres mutilados, desfigurados, uma acusação trágica, fria e irrespondível aos seus assassinos. Seus nomes serão bandeira de luta, exemplo de firmeza, de dignidade. Suas mortes serão vingadas.

Que se cuidem todos aqueles que participaram diretamente ou indiretamente de seus assassinatos, de Garrastazú a Sérgio Paranhos Fleury, pois o Partido Comunista Revolucionário, mais cedo ou mais tarde, os apanhará, os julgará como sádicos, torturadores, assassinos pagos pelo imperialismo norte-americano, e os conduzirá ao único lugar que merecem: o pelotão de fuzilamento.

A melhor homenagem que podemos lhes prestar é continuar o trabalho pelo qual deram suas vidas: desenvolver, até à vitória, o trabalho revolucionário que conduzirá o Brasil a ser livre da exploração estrangeira, à democracia, ao socialismo e, finalmente, ao mais belo sonho dos homens, o comunismo.

Nossos companheiros Manoel Lisboa de Moura, Emanuel Bezerra dos Santos e Manoel Aleixo da Silva permanecerão vivos para sempre em nossas lembranças, em nossa luta, em nossas futuras derrotas e vitórias, até à vitória final!

*(Editorial do jornal **A Luta**, órgão oficial do PCR, dezembro de 1974)*

A Verdade, um jornal a serviço da luta pelo socialismo

O objetivo da imprensa burguesa não é informar a verdade, mas divulgar o ponto de vista, as idéias e a concepção de mundo das classes dominantes, de seu apodrecido regime econômico, político e social, o capitalismo. Esforçam-se os meios de comunicação da burguesia em difundir a idéia de que a sociedade nunca será transformada, que sempre houve e sempre haverá os que exploram e os que são explorados, os ricos e os pobres e, ao mesmo tempo, procuram inculcar nos trabalhadores, particularmente nos operários, a idéia de que, em vez de se unirem aos seus companheiros numa greve para defender seus direitos e salários, devem buscar as graças do patrão.

É, portanto, uma importante tarefa combater e desmascarar todo o caráter fascista e antidemocrático da propriedade privada dos meios de comunicação, rádio, televisão e jornais, exigindo o controle social e a democratização deles. Por isso, criamos, em 2000, o jornal **A Verdade.**

Ao longo desses anos, A Verdade tem cumprido um papel fundamental de denúncias e educação política dos trabalhadores e jovens brasileiros, obtendo um grande respeito e simpatia dos trabalhadores, estudantes e dos homens e mulheres conscientes do nosso país.

Com **A Verdade**, iniciamos em várias capitais do país uma vigorosa campanha de denúncias políticas com a realização de centenas de brigadas e de uma ampla propaganda do socialismo, contribuindo para desenvolver uma consciência revolucionária nas camadas mais combativas do povo brasileiro.

A venda regular, a venda de brigadas, a propaganda do jornal e a venda de assinaturas são importantes tarefas para conscientizar o nosso povo da necessidade de lutar para transformar nosso país e realizar uma revolução, além de serem excelentes meios para garantir a sustentação da publicação.

Fortaleça a imprensa popular!

Leia e divulgue *A Verdade!*

Entre em contato conosco:
AL: (82) 8808-2099
BA:
F. de Santana - (75) 34857932
CE: (85) 99966489,
MG: (31) 91330983
PA: (91) 81540530
PB:
João Pessoa - (83) 88058215
Patos - (83) 99529884
PE: (81) 34279367
PI: (86) 99254051
PR: (41) 92333111
RJ: (21) 87891869
RN: (84) 94215717
RS: (51) 81314693
RO: (69) 84083710

Jornal A Verdade
Um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo Socialismo

Leia, assine e divulgue

Campanha pela Libertação dos Cinco Cubanos Presos nos EUA

9 anos de prisão arbitrária

A VERDADE

Um jornal dos trabalhadores à serviço da luta pelo socialismo

Brasil, setembro de 2008 - Ano 8 - Nº 98 - R$ 1,00

www.averdade.org.br

EUA ameaçam Brasil e América Latina com frota naval

Num cenário global de escassez de alimentos, água, petróleo e gás, as imensas reservas desses recursos na América Latina e, em particular no Brasil, adquirem uma dimensão estratégica mundial. Será simples coincidência o fato de a Quarta Frota ser recriada logo após o Brasil anunciar a descoberta de riquíssimos poços de petróleo nas águas profundas da costa nacional (a chamada camada pré-sal) e ainda por cima ser comandada por um militar especialista em operações de sabotagem e guerra submarina?

Lembremos que o governo dos EUA já derrubou com golpes militares e sabotagens 41 governos na América Latina, entre 1898 e 1994. Em 2002, planejaram e financiaram o fracassado golpe na Venezuela. Aliás, como declarou quando da reativação da Quarta Frota, o almirante dos EUA, Gary Roughead: "Que ninguém se engane; a Quarta Frota estará pronta para qualquer tipo de ação, em qualquer lugar e a qualquer momento".

Página 3

Objetivo da Quarta Frota é intimidar povos da América Latina

"Bolívia não é mais um Estado mendigo"

Comemorando a retumbante vitória com 67,41% dos votos no referendo, o presidente da Bolívia, Evo Morales, declarou perante centenas de milhares de bolivianos que "Os avanços das mudanças que impulsiona seu governo desde janeiro de 2006, são resultado das lutas históricas pela justiça e igualdade social no país e que graças à nacionalização dos recursos como petróleo e gás natural, a Bolívia deixou de ser um Estado mendigo."

Página 9

Direita sofre nova derrota na Bolívia

Corrupção nas universidades

Fundações de direito privado favorecem corrupção nas universidades públicas.

Página 7

"Não existe democracia na União Européia"

Otto Bruckner, líder da Iniciativa Comunista, afirma em entrevista a A Verdade que a União Européia é o coração do capital europeu e que não há uma democracia de verdade.

Página 11

Maria Quitéria, heroína da luta pela independência do Brasil

Numa época em que a mulher, na sociedade colonial machista, não podia sequer aparecer na sala de casa onde os homens conversavam, ela foi capaz de alistar-se no exército libertador que enfrentava as tropas portuguesas na Bahia, para defender a independência do Brasil. Destemida, ousada, uma mulher à frente do seu tempo, uma revolucionária.

Página 12

Um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo socialismo

www.averdade.com.br

EDIÇÕES MANOEL LISBOA